

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

O levantamento referente à segunda safra de feijão 2020/21, feito na semana de 07 a 11 de junho/21, indica que 90% da área total estimada em 254.348 hectares foi colhida. Restam, portanto, 10%, ou 29.370 hectares, que devem ser colhidos nas próximas semanas. A produção desta safra, a partir dos dados de maio/21, tem volume total estimado de 309 mil toneladas. Novos números da safra serão divulgados no final de junho pelo Departamento de Economia Rural da SEAB. Avaliação de campo das áreas ainda não colhidas mostra que somente 12% estão em boas condições, 31% em condições médias e 57% em condições ruins. Estas condições de campo podem impactar negativamente na produtividade e qualidade do produto final.

O preço médio semanal recebido pelos agricultores na semana passada mostra que o valor da saca de 60 kg do feijão classe cores foi cotado em R\$ 255,80, redução de 3% em relação à semana anterior. E o feijão classe preto teve a saca de 60 quilos cotada a R\$ 247,00, também com recuo em 2% em relação à semana anterior.

FRUTICULTURA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

A produção de grãos, cereais e proteínas animais é a força propulsora dos negócios rurais no Paraná. Os números preliminares de 2020 para o Valor Bruto da Produção – VBP, da Agropecuária no Paraná, sinalizam para um montante ao redor dos R\$ 120,0 bilhões de renda bruta gerada no campo.

A fruticultura encontra uma representatividade difusa frente a densidade do agronegócio local, pois sua participação se mantém entre 1,0% e 2,0% do VBP nos últimos anos. Em 2020 a fração prevista deve permanecer nos 1,0%, quando observadas as 35 frutas cultivadas no estado, tendo no horizonte que na safra 96/97 a parcela referente às frutas foi de 2,6%.

Laranjas, tangerinas e limões, cultivados em 29,3 mil hectares, proporcionaram colheitas de 697,8 mil toneladas. Respondendo por 56,5% de todo o volume colhido das frutas, o cultivo dos citrus é a principal atividade do segmento no Paraná, com sua área abarcando 52,5% dos pomares, ante os 55,1 mil ha e as 1,2 milhão de toneladas da fruticultura.

Boletim Semanal* – 24/2021 – 18 de junho de 2021

Em perspectiva, considerar que mesmo com participação diminuta e decrescente na economia rural do estado, a fruticultura se reveste de importância ímpar nas regiões e municípios onde está inserida, gerando empregos e renda, tanto no campo como nas cidades.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

Exportações Brasileiras

De acordo com a mais recente atualização das Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (Agrostat), no período de janeiro a maio de 2021 o Brasil exportou aproximadamente 55,38 milhões de toneladas de produtos referente ao Complexo Soja (grãos, farelo e óleo). Esse volume foi aproximadamente 3,8% superior ao exportado no mesmo período de 2020. Já em relação ao montante financeiro, o valor foi de US\$ 23,81 bilhões, um acréscimo de 29,9% em comparação com os primeiros cinco meses de 2020.

Exportações Paranaenses

Em relação aos números do estado do Paraná, foram enviadas ao exterior 6,40 milhões de toneladas referentes aos produtos do chamado Complexo Soja.

Comparado com o mesmo período de 2020, ocorreu um recuo de aproximadamente 18,5% em volume físico. Em contrapartida, o volume financeiro foi levemente superior em 1,7%, com US\$ 2,76 bilhões. A menor oferta do produto paranaense nesta safra e a variação cambial no período foram determinantes para o comportamento das exportações em 2021.

Os cinco principais compradores dos produtos paranaenses no período somaram aproximadamente 88% do total embarcado, e foram: China com 71,2% do total, Países Baixos com 6,7%, Coreia do Sul com 5,1%, Tailândia com 2,8% e Vietnã com 2,2%.

MILHO

**Administrador Edmar Wardensk Gervásio*

A segunda safra de milho 2020/21 tem produção estimada, no momento, de 10,3 milhões de toneladas. Na próxima semana será divulgada a nova projeção e, considerando as condições atuais de lavoura, é provável uma revisão para baixo desse número. Nesta semana o relatório do Deral apontou que 23% da área total de 2,5 milhões tinham boas condições, enquanto 45% tinham condições medianas e 32% apresentavam condições ruins.

Boletim Semanal* – 24/2021 – 18 de junho de 2021

Já o mercado está favorável para o produtor paranaense de milho, que recebe R\$ 83,08 pela saca de 60 kg de milho (semana de 7 a 11 de junho). Este valor é 118% maior que o preço de fechamento de junho de 2020, que ficou em R\$ 38,19. O preço médio de 2021 (jan. a jun.) gira em torno de R\$ 80,00 a saca, enquanto o preço médio de 2020 foi de R\$ 47,28, uma alta de quase 70%.

TRIGO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo Godinho*

O plantio de trigo avança no Paraná (85% já efetuado) e com uma fração cada vez maior das lavouras apresentando boas condições, levando um pouco de tranquilidade ao produtor quanto à situação de campo. Por outro lado, houve uma movimentação no preço de balcão dos cereais, captando a atenção dos tricultores. No dia 16/06, a maioria das praças paranaenses apontava valores de R\$ 80,00 para as sacas de trigo e de milho, novamente se equivalendo depois de dois meses com o milho sobrevalorizado em relação ao trigo. No final de abril, ambos os produtos chegaram à casa de R\$ 90,00 a saca: o trigo valia aproximadamente R\$ 91,00 e o milho, R\$ 98,00.

Os preços internacionais têm se comportado de maneira diferente da interna, em função da diferença de calendário agrícola nos diversos países relevantes para tricultura. Enquanto Índia e China já garantiram boas safras, as perspectivas para colheita na Europa e na região do Mar Negro melhoraram consideravelmente nos últimos relatórios apresentados. Futuramente poderemos ver oscilações de preços em função das safras Argentina e Australiana, atualmente em fase de plantio. Essa expectativa de início e consolidação de boas colheitas nos maiores países produtores de trigo pressionou o preço do produto, com as cotações sendo superadas recentemente pelas de milho, rompendo uma barreira mantida desde 2013 na Bolsa de Chicago.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

Durante as duas últimas semanas, as condições climáticas foram favoráveis para a colheita de mandioca nas principais regiões produtoras. Com o trabalho acelerado no campo, houve um aumento de oferta de matéria-prima para as indústrias de fécula e de farinha. Assim sendo, a ociosidade industrial que estava acima de 40% durante o longo período sem

Boletim Semanal* – 24/2021 – 18 de junho de 2021

chuva, já está reduzindo e, conseqüentemente, cresce a produção destes dois produtos.

A área ocupada com a cultura de mandioca no Paraná, na safra de 2020/21, é de 143 mil hectares e a produção estimada deverá alcançar cerca de 3,3 milhões de toneladas. O cultivo de mandioca em nosso Estado está presente em praticamente todos os municípios, porém as maiores áreas se concentram nos Núcleos Regionais de Umuarama (34%), Paranavaí (30%), Campo Mourão (8%) e Toledo (4%). Evidentemente, nestes Núcleos Regionais está instalada a maioria do parque industrial de fécula e de farinha.

No restante do estado, e principalmente na Região Sul, predomina a produção em menor escala, com pouca tecnologia e a maior parte do produto se destina para o consumo humano e animal. Vale destacar a significativa produção de mandioca no litoral e também nas proximidades de grandes centros, como é o caso de Cerro Azul, que fica próximo de Curitiba e destina praticamente toda a sua produção para ser comercializada na Ceasa e nas feiras livres. Este produto também é conhecido como mandioca de mesa e tem o seu valor mais elevado se

comparado aos preços da indústria de transformação.

BATATA

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

Cerca de 99% da área total foi plantada e 54% dela foi colhida. Nas duas últimas semanas houve um crescimento na área colhida em torno de 7%. O cultivo do segundo ciclo apresenta área estimada em torno de 12,2 mil ha e volume estimado de 333 mil toneladas. No final de junho/21, com a avaliação mensal pelo Departamento de Economia Rural (Deral/SEAB), os números da área, produção e produtividade podem sofrer modificações. A maior parte das lavouras ainda não colhidas se encontra em boas condições e representa 81% da área total, 18% em condições médias e somente 1% em condições ruins.

LEITE

** Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Considerações atuais sobre a atividade leiteira

Oferta

A produção tem sido muito pressionada e de certa forma limitada pela alta dos custos com a alimentação,

Boletim Semanal* – 24/2021 – 18 de junho de 2021

principalmente em sistemas onde o alimento não é produzido na propriedade. Além disso, a produção sofre o problema da sazonalidade, fato agravado pela estiagem, que reduziu quase a zero as pastagens remanescentes de verão, atrasou o plantio das forrageiras de inverno (aveia e azevém) e ocasionou significativa perda na produção de milho safrinha, que seria utilizado na forma de grãos e silagem.

A curto prazo, com a escassez na oferta deste tipo de alimentação, os produtores terão que adquirir este produto de terceiros, o que deverá onerar ainda mais os custos de produção, o que poderá vir a comprometer a produção de leite.

Importação

Existe uma tendência de aumento nas cotações internacionais do produto para os próximos meses (demanda internacional aquecida).

Exportações

As exportações de lácteos, ainda se encontram favoráveis, em vista do aumento das cotações internacionais e câmbio.

Demanda

O consumo interno de lácteos tende a se manter estável ou até apresentar

pequena elevação no primeiro semestre de 2021. A partir do segundo semestre, fatores como: avanço da vacinação contra a covid-19, maior tendência de abertura do comércio, recuperação gradativa da economia e continuidade no pagamento do auxílio emergencial, podem vir a favorecer o aumento do consumo.

AVICULTURA

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

Custo de produção do frango de corte sobe 5,6% em maio de 2021

A Embrapa Suínos e Aves divulgou, em meados de junho, o custo de produção do frango, que registrou em maio um aumento de 5,61% sobre o mês anterior (R\$ 4,99/kg), chegando à marca dos R\$ 5,27/kg.

Igualmente significativo foi o aumento acumulado nos cinco primeiros meses de 2021: 15,07%, com o valor de janeiro tendo sido de R\$ 4,58/kg. Comparando o valor com maio de 2020 (R\$ 3,41/kg), verifica-se uma elevação de 54,5%.

A média de R\$ 3,22/kg, registrada entre janeiro e maio de 2020, subiu neste ano para R\$ 4,92/kg - um incremento próximo a 53%.

Boletim Semanal* – 24/2021 – 18 de junho de 2021

O custo de produção do quilo do frango de corte vivo no Paraná, em 2021, produzido em aviário tipo climatizado em pressão positiva, passou dos R\$ 4,99/kg em abril para R\$ 5,27/kg em maio.

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) cresceu em maio, principalmente no item alimentação das aves. Em relação a abril, houve um aumento de 5,55% no ICPFrango. Em abril, no comparativo com março, o índice havia subido 2,75%.

Em maio de 2021, em termos médios, o preço do **milho** no atacado paranaense ficou em R\$ 100,90/sc 60 kg, uma expressiva alta de 25,6% sobre o preço médio de janeiro (R\$ 80,35/sc 60 kg) e 118,0% maior sobre o valor de igual mês de 2020 (R\$ 46,28/SC 60 kg). Em maio, ocorreu uma alta de 1,8% sobre o preço médio do mês anterior (R\$ 99,15/sc 60 kg).

Considerando o **farelo de soja**, em maio de 2021 o preço médio estadual atingiu R\$ 2.561,03/tonelada, 19,5% menor ao preço praticado em janeiro (R\$ 3.179,87/tonelada), mas um preço nominal 40,9% maior que aquele praticado em igual mês de 2020 (R\$ 1.817,00/tonelada).

Nos outros dois estados, principais líderes na criação de frangos de corte e produção de carnes, os custos de produção em maio do ano corrente foram: **Santa Catarina** (R\$ 5,21/kg) e **Rio Grande do Sul** (R\$ 5,47/kg), com respectivos preços do frango vivo de R\$ 3,34/kg e R\$ 4,09/kg.

No Paraná, em maio de 2021, a alimentação das aves custou R\$ 4,02/kg, um resultado 6,9% maior em relação a abril, cujo valor foi de R\$ 3,76/kg, representando 75,28% do total de gastos com a criação de frangos de corte (R\$ 5,27/kg). Quando se compara com o valor de R\$ 2,43/kg na nutrição das aves, registrado em maio de 2020, o aumento é de 65,4%.

Em maio de 2021 o preço médio do frango vivo ao produtor, no Paraná, foi de R\$ 5,03, o que dá uma alta de 5,0% sobre o valor médio de abril (R\$ 4,79/kg) e de 8,9% maior sobre janeiro (R\$ 4,62/kg). Já em relação a igual mês de 2020 (R\$ 3,20/kg), o preço ao produtor esteve 57,2% maior.

Ao longo de 2020 o preço médio do frango vivo ao produtor, no Paraná, cresceu 34,5%, situando-se em dezembro de 2020 no valor de R\$ 4,60/kg (janeiro: R\$ 3,42/kg). Por outro lado, o custo de produção elevou-se 44,5% (janeiro:

Boletim Semanal* – 24/2021 – 18 de junho de 2021

3,01/kg) e dezembro (R\$ 4,35/kg), enquanto só o item alimentação cresceu 54,3% (janeiro: R\$ 2,08/kg e dezembro: R\$ 3,21/kg).

Exportação de carne de frango tem alta de 4,6% no volume e de 4,8% no faturamento em 2021

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as exportações brasileiras de carne de frango (considerando todos os produtos, entre *in natura* e processados), totalizaram 414,3 mil toneladas em maio, número que supera em 3,7% o total embarcado no mesmo período de 2020, quando foram registradas 399,4 mil toneladas.

A receita cambial oriunda das exportações no quinto mês de 2021 chegou a US\$ 656,3 milhões, desempenho 20,1% superior ao obtido em maio do ano passado, com US\$ 546,3 milhões.

No acumulado de janeiro a maio de 2021, as exportações chegaram a 1,846 milhão de toneladas, saldo 4,6% maior em relação a igual período do ano anterior, com 1,764 milhão de toneladas. Em receita, a alta acumulada é de 4,8%, com US\$ 2,826 bilhões em 2021, contra US\$ 2,697 bilhões em 2020.

Entre os principais mercados importadores deste ano, foram destaques as **Filipinas**, com 61,9 mil toneladas (+65,3%), a **Rússia**, com 42,8 mil toneladas (+33,6%), o **Reino Unido**, com 41,7 mil toneladas (+41,4%) e o **Chile** com 39,7 mil toneladas (+152,9%).

Principal estado exportador, o Paraná embarcou nos cinco primeiros meses deste ano 737,1 mil toneladas, volume 6,5% superior ao registrado no mesmo período do ano passado. Em segundo lugar, Santa Catarina exportou 399,9 mil toneladas (-5,47%). No terceiro posto, o Rio Grande do Sul embarcou 287,8 mil toneladas (+2,31%).

A entidade maior da avicultura e suinocultura brasileiras considera que o bom desempenho das vendas de carne de frango para o mercado internacional vem ajudando a equilibrar a pressão negativa gerada pela escalada altista dos custos de produção, especialmente em relação às empresas que têm acesso às exportações, que representam em torno de 70% das plantas sob inspeção federal.

Boletim Semanal* – 24/2021 – 18 de junho de 2021

OVOS

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

Exportação de ovos cresceu 55,6% no quadrimestre de 2021

Em 2020 o Brasil exportou 15.140 toneladas de ovos e ovoprodutos, 28,5% menor que o total exportado em igual período de 2019 (21.182 toneladas), obtendo um faturamento de US\$ 47,919 milhões, queda de 30,5% em comparação com 2019 quando o total obtido foi de US\$ 68,925.

No Paraná, o segundo maior exportador nacional, em 2020 também ocorreu queda tanto em volume (-21,0%) como em faturamento (-21,9%), sendo que os números foram: 2019 (volume: 5.992 toneladas/faturamento: US\$ 20,481 milhões) e 2020 (volume: 4.732 toneladas/faturamento: US\$ 15,988 milhões).

Agora, considerando o ano de 2021 (1º quadrimestre), de acordo com o Agrostat Brasil/MAPA, a exportação nacional de ovos atingiu 8.772 toneladas, volume 55,6% maior que o verificado em igual período de 2020 (5.638 toneladas).

O faturamento correspondente cresceu 20,6%, conforme segue: 2021 (US\$ 22,458 milhões) e 2020 (US\$ 18,626 milhões).

Os itens que compõem o “complexo ovos” são os ovos férteis destinados à incubação, os ovos frescos com casca, ovos cozidos e secos, gemas frescas e cozidas e ovoalbumina. Os itens mais representativos são os ovos férteis destinados à incubação e os ovos frescos com casca.

No 1º quadrimestre de 2021, o estado do Paraná continua a aparecer na condição de 2º maior exportador (volume: 2.068 toneladas/receita cambial: US\$ 6,637 milhões), vindo antes o estado de Mato Grosso (2.265 toneladas/US\$ 2,366 milhões) e depois: 3º - São Paulo (1.999 toneladas/US\$ 8,986 milhões), 4º - Minas Gerais (1.487 toneladas/US\$ 1,574 milhões), e 5º - Rio Grande do Sul (478 toneladas/US\$ 1.135).

Em quatro meses de 2021, os Emirados Árabes Unidos destacaram-se na condição de principal importador de ovos do Brasil, com volume de 3.586 toneladas e receita cambial de US\$ 3,981 milhões. Na sequência vem os seguintes países (volume e faturamento): 2º - Senegal (1.789 toneladas/US\$ 5,864 milhões), 3º - México (1.177 toneladas/US\$ 4,441 milhões), 4º - Paraguai (718 toneladas/US\$ 2,487 milhões), e 5º - Uruguai (271 toneladas/US\$ 308.320).

Boletim Semanal* – 24/2021 – 18 de junho de 2021

O Brasil ainda não tem tradição na exportação de ovos e ovoprodutos, já que a maioria da produção (mais de 98%) é direcionada ao mercado interno (ovos férteis/reprodução, consumo *in natura*, indústria alimentícia, consumo institucional - merenda escolar e restaurantes/lanchonetes/*foodservice*).

Produção de ovos de galinha chega a 978 milhões de dúzias, recorde para um 1º trimestre

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), via Pesquisa Trimestral de Ovos, no 1º trimestre de 2021 a produção de ovos de galinha foi de 978,25 milhões de dúzias, alta de 0,3% em relação ao 1º trimestre de 2020 e queda de 1,3% em relação ao trimestre imediatamente anterior.

O resultado foi recorde para um 1º trimestre, cujo pico foi registrado em março. A produção de 340,09 milhões de dúzias foi a maior já registrada para esse mês, levando em consideração a série histórica da pesquisa, iniciada em 1987. Apesar de uma alta nos custos de produção, a demanda segue aquecida pelo preço acessível da proteína.

A produção nacional de 3,31 milhões de dúzias de ovos a mais quando se comparam os primeiros trimestres de 2021

e 2020, foi resultado de aumentos em 18 das 26 Unidades da Federação da pesquisa.

Quantitativamente, os maiores acréscimos ocorreram em Mato Grosso do Sul (+5,87 milhões de dúzias), Bahia (+5,34 milhões), Ceará (+4,84 milhões) e Amazonas (+3,59 milhões). As maiores quedas ocorreram em São Paulo (-16,85 milhões) e Paraná (-3,52 milhões).

Apesar da retração, São Paulo se manteve como maior produtor de ovos no 1º trimestre de 2021, com 27,6% da produção nacional, seguido agora por Minas Gerais (9%) e Espírito Santo (9%). O Paraná caiu da segunda para a 4ª posição, com 8,6% do total nacional.

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

https://www.instagram.com/deral_pr

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!